

Deletando a realidade

Observando minha neta no computador, alheia a tudo e a todos ao seu redor, fiz a ela uma pergunta, mas em tom de brincadeira: e se um assaltante chegasse agora para pegar seu computador? A resposta dela me petrificou: “Eu deleteo.”

Deletar a realidade? Comecei a observar que, para ela e seus amigos, qualquer lugar é perto, assuntos vários a qualquer hora aparecem, shows, lançamentos de filmes, idas e vindas de grupos artísticos nacionais ou não, tudo, mas tudo mesmo é possível e imediato, pois está ao alcance do teclado. Discutir noticiários, andar nas ruas, observar gente, sinais de trânsito, bicicletas, carros, pessoas conversando sozinhas, pássaros variados, isso não está no mundo deles.

Aliás, andam como se estivessem nas nuvens, e não raro tropeçam nas calçadas irregulares e cheias de desníveis, e só o que dizem é: “Nossa!” Andam com celulares, fones de ouvidos, os olhos pregados no visor; os sons do ambiente das ruas, casas, fábricas, o burburinho urbano, isso não lhes pertence. Como chegar a esses jovens cuja vida está concentrada em um objeto pouco





Dilei Vilela*

maior que uma caixa de fósforos? A vida aqui fora está cheia de cores e cheiros, luzes, sons, música desconexa, assaltos, pessoas boas e outras nem tanto, manifestações, gente chegando e outras indo embora, mas eles não veem nada disso.

O mundo virtual é estranho para mim, parece muito silencioso. Vocês já viram vários jovens juntos, cada um com seu fone de ouvido, olhos na telinha, rindo de algo? Já? E o som? As risadas tinham som ou eram quase inaudíveis? Pergunte a eles se as conversas eram secretas, e te dirão que estavam falando com todos (sala de bate-papo), inclusive com o amigo do lado, mas pela telinha.

Se você quiser ser encarado como um alienígena, pergunte se já andaram na chuva, se soltaram pipas, se pretendem ir a pé até um lugar qualquer, se querem jogar bola, e verão que as respostas (quando houver) serão que fazem isso em clubes (que, por sinal, estão ficando obsoletos), e o tom de espanto te fará se sentir peça de museu ambulante. Ficar sentados no chão ou encostados todos juntos é o esporte preferido e atual. Sem falar dos que ficam no santo isolamento dos quartos,

dia e noite, conectados e antenados no computador com tanta seriedade que fazem os monges parecerem relapsos. Eles estão conectados ao mundo, mas ao mundo virtual. Eles vivenciam o ciberespaço, dominam a tecnologia das comunicações, mas não interagem *face to face*.

Conhecem mais as músicas lá de fora do que as daqui, sabem o que acontece com os astros, cantores, vampiros e companhia - seus casamentos, divórcios, aniversários, tudo sem sair de casa. Mas se precisarem usar um ônibus o mundo acaba, pois para eles esse tipo de locomoção vai do nada a lugar nenhum.

O mundo real é irreal para eles. No mundo virtual tudo é possível, verdadeiro, de fácil acesso, todos são bons, acredita-se em qualquer postagem. Uma fala torna-se ordem inquestionável, mesmo que ela vá prejudicar alguém mais tarde. Esse mundo é lindo, todas as portas se abrem a qualquer hora, nele se escondem achando que estão seguros, sem cobrança e sem responsabilidades.

Nada mais longe da realidade e nada mais perigoso. Se as famí-

lias não estiverem presentes na vida real e de mãos dadas com a vida virtual, esses jovens vão ser presa fácil dos que já descobriram como navegar nos dois mundos, tirando vantagens da credulidade ingenuidade de nossos jovens.

Às vezes nos esquecemos de que a educação informal, aquela aprendida fora da escola, também é necessária e faz falta. A presença da família no dia a dia dos jovens se faz imprescindível, orientando-os; já os professores precisam deixar portas abertas no mundo real para receber os que só têm o mundo virtual para conversar, para expor suas angústias e externar suas dúvidas, por mais tolas que pareçam, pois eles precisam de respostas.

A educação formal (escola), feita através de livros e apostilas, prega que há necessidade de se trabalhar o jovem em toda a sua formação, por isso o professor pode repassar experiências de vida, orientar e ouvir, principalmente aqueles que não têm quem os ouça. ■

*Mestre em Comunicação, pedagoga e historiadora

dileivilela@ig.com.br